

Algodão sem açúcar

NOENIO SPINOLA*

Quando o ministro do Trabalho Edward Amadeo foi nomeado para uma pasta que o então ministro da Agricultura recusou, os plantadores de algodão de São Paulo e do Paraná certamente não pensavam na dança das cadeiras em Brasília, mas em quanto podem receber pelos fardos colhidos na safra deste ano.

Visão periférica não é uma coisa que se adquira sentado num gabinete nem num trator, a menos que o olhar supere os horizontes particulares de cada um. Converse, por exemplo, com um industrial paulista que esteja pensando em exportar carros do ABCD para a Rússia montados com matérias-primas e peças brasileiras. Logo você verá que esse tipo de executivo vencerá muitas das suas guerras com o que não se ensina na Harvard Business School, nem no ar mal refrigerado de Brasília.

O novo presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), José Carlos Pinheiro Neto, é um desses. A naturalidade com que afirma que é possível conseguir este ano um aumento de 20% nas exportações é surpreendente. A principal arma desse empresário testado à frente das exportações de uma multinacional é o senso prático. Ele diz isto: "...infelizmente ainda não se trabalha no Brasil com uma estratégia global para atacar o mercado externo da mesma forma que os concorrentes estrangeiros mais agressivos. Por exemplo: para recheiar meus estofados com algodão nacional eu teria que compensar os custos da matéria-prima pos-

ta na fábrica com uma incidência em cascata do PIS/Cofins de umas seis vezes..."

Quem ouviu o discurso do ministro interino da Fazenda, Pedro Parente, na posse de Pinheiro Neto na presidência da Anfavea, saiu de lá com a impressão de que o governo está na oposição. Pedro Parente também clama por uma reforma tributária. Quem ouvir os discursos de José Roberto Mendonça de Barros sobre distorções na estrutura produtiva brasileira terá a mesma impressão. Seriam os obstáculos "imexíveis"?

A "imexibilidade" dos problemas brasileiros certamente decorre da falta de uma estratégia capaz de fazer com que os diferentes setores da economia convergem e dialoguem com visão periférica. O problema do trabalho e do emprego vai desde a colheita do algodão até os corredores da Organização Mundial do Comércio e o importador no outro lado do mundo. "Vou mandar advogados para a OMC – diz Pinheiro Neto. Temos todos esses problemas de juros altos, impostos em cascata etc., mas isso não justifica a passividade diante das decisões tomadas em foros globais."

A mão-de-obra que imigrou da cultura do algodão para as favelas das cidades nordestinas e do centro-sul agradece. Esse é o discurso que ela entende. Os desempregados expulsos do sertão nada têm a ver com as soluções negociadas pelos sindicatos alemães e europeus em geral, preocupados com o número de horas trabalhadas ou os benefícios sociais.

Do outro lado do mundo há um "com-terra" no Cazaquistão ou em qualquer lugar da Ásia que quer o emprego do nordestino

e vem atrás dos estofados dos carros do ABCD paulista. Essa guerra é mais simples e pode ser muito deselegante. Uns entram legitimamente no mercado aproveitando-se da baixa competitividade do produto doméstico. Outros tentam entrar através de megaoperações de contrabando pelas fronteiras do Mercosul.

Boa parte dos problemas de emprego e desemprego poderia ser resolvida se o Brasil fizesse um dever de casa transformando os discursos do próprio governo em planos pragmáticos de trabalho e em alianças estratégicas. Curiosamente quem está apontando o caminho das pedras é uma indústria automobilística predominantemente estrangeira. "Nosso principal ativo é o mercado interno", diz Pinheiro Neto. E acrescenta, sem transformar o câmbio em cavalo de batalha: "Mas a competição é global".

Melhor do que ninguém Detroit sabe disso. Os "Três Grandes" norte-americanos perderam 40% do mercado para os importados entre 1995 e o ano passado. Pior: na chamada "Geração X" (18 a 32 anos) asiáticos e europeus ficam com 59% dos consumidores. Ingressando no Brasil os asiáticos serão predominantemente exportadores de peças e componentes, remetendo para São Paulo o desemprego que grassa na Ásia. Não é difícil perceber por que as alianças podem ser costuradas melhor dentro do espaço da Alca.

E-Mail: noenio@ibm.net